

O Estado de S. Paulo

12/1/1985

Advogado atirou em Pradópolis

Moacyr Alves Paulino, que atirou no funcionário da Usina São Martinho, Pedro Gregório Almeida, de 36 anos, durante a manifestação ocorrida em Pradópolis por volta das 21h30 de anteontem, tem 68 anos e é advogado aposentado.

Moacyr Paulino e Pedro Gregório estavam distantes, mas na mesma situação. Cada um em um hospital — o primeiro em Araraquara e o outro em Ribeirão Preto —, enquanto na pequena Pradópolis (dez mil habitantes) o principal assunto era o fatídico encontro ocorrido entre os dois na noite anterior. E o tiro desferido pelo advogado acabou constituindo-se no primeiro derramamento de sangue em função do movimento grevista de bóias-frias da região de Ribeirão Preto.

Afirmando "às vezes ajudo meu filho que é advogado da Fetaesp", o pai de Leopoldo Paulino disse que resolveu ir a Barrinha (Leopoldo estava lá na coordenação da greve dos bóias-frias da cidade e da região) "com a finalidade principal de alertá-lo exatamente para os possíveis problemas que poderiam ocorrer sobre atos de violência nessas situações". Na final da tarde, ainda segundo Moacyr Paulino, Leopoldo convidou-o a ir até Pradópolis, pois assim iriam juntos de carro para Ribeirão Preto, onde residem.

Uma comitiva da Fetaesp chegou a Pradópolis por volta das 19h em um Fiat e um Gol quando começaram a conclamar os trabalhadores através de um alto-falante instalado num dos carros para um comício sobre a greve dos bóias-frias nas cidades vizinhas. "Fiquei de lado observando o que acontecia quando apareceu um grupo de homens e começaram a falar palavras de baixo calão, ameaças de bater e matar, chegando até a arrebentar os fios do alto-falante", disse Moacyr Paulino, que em seguida se dirigiu ao destacamento da PM. "Fui pedir ajuda da Polícia, mas um tenente disse que não iria, porque os promotores do comício não haviam pedido garantias anteriormente."

Segundo Clovis Bronzatti, assessor do prefeito Agenor Baldan, realmente ocorreram atitudes de violência contra os membros da Fetaesp "O pessoal jogou muito ovo podre e tomate e também chegou a quebrar vidros dos carros, mas só não houve briga corporal", afirmou.

Moacyr Paulino, que está no quarto 313 do Hospital São Paulo em Araraquara (a OAB local providenciou esta medida pois a cadeia pública da cidade não conta com celas especiais), afirmou que ao se ver sozinho em Pradópolis foi até a rodoviária e como não tinha mais ônibus procurou um táxi, mas não tinha nenhum. Quando estava caminhando pela cidade (meia hora depois de terminados os incidentes, versão confirmada pelo soldado Sá que acompanhou o ocorrido), Moacyr Paulino foi cercado por um grupo de 20 homens que, segundo ele, "lhe faziam provocações". Depois de andar alguns metros o advogado disse que resolveu tirar o revólver Taurus, calibre 32, de sua bolsa e deu um tiro para o alto. Alguns minutos depois as provocações teriam continuado. "Estava cercado e percebi que seria agredido: resolvi então dar o tiro que atingiu um mulato alto e forte".

Depois disso Paulino correu para uma barbearia próxima quando chegou a polícia e ele se entregou, enquanto o grupo procurava se aproximar. "Nesse momento a PM agiu bem assegurando minha vida", afirmou o advogado que prestou depoimento na madrugada de ontem em Araraquara ao delegado Luiz Carlos de Carvalho Moreira, de Pradópolis.

O advogado possui a arma desde 1966 e garante que nunca atirou em ninguém: "Carrego sempre o revólver comigo porque nas imediações da minha casa ocorrem muitos assaltos e as

próprias autoridades policiais nos aconselham a andar armados". Réu primário, Moacyr deverá ser beneficiado com a Lei Fleury e se diz chateado com o ocorrido, mas está seguro: "A legítima defesa está tipificada", afirmou.

Já o funcionário da Usina São Martinho, Pedro Gregório Almeida, encontra-se bem de saúde e foi transferido do centro de recuperação para o apartamento 107 do Hospital São Lucas de Ribeirão Preto na tarde da ontem. Um boletim médico expedido às 18h informava que Gregório se encontrava "em ótimas condições clínicas". Ele teve seus intestinos atingidos e o projétil ainda está alojado em suas costas para ser retirado em futura intervenção cirúrgica.

Falando á imprensa no final da tarde de ontem, Gregório, com palavras medidas, garantia que o incidente ocorreu porque "um grupo de populares não queria a presença daquelas pessoas na cidade".

(Página 11)